

ADIEU PHILIPPINE Jacques Rozier, 1963

Jorge Silva Melo

Não há rapaz que não queira fazer um filme, um primeiro filme, como este *Adieu Philippine*, de 1960, não há rapaz cinéfilo que não queira partir de férias para o sul com duas raparigas, talvez namorando uma, depois a outra, deixando-as a ambas, não há rapaz que não queira fazer troça do patrão, filmando ao deus-dará, improvisando, pregando partidas. Este é o filme de todas as juventudes. Ou melhor, de todos os rapazes.

Filme que “correu muito mal”, que demorou três anos a estrear (filmado em 1960, só chegou às salas em 1963), este filme raro é agora tão bonito como as fotografias que encontramos perdidas no meio de livros a que, há anos, não voltamos. É o filme do namoro, dos primeiros anos de trabalho, da leveza, do assobio pela estrada, até da noite no parque de campismo.

Produzido por Georges de Beauregard, a quem Godard recomendou Rozier (depois de ter visto a sublime curta-metragem *Blue-Jeans*), o filme não concluiu, não cabia nos modelos de então, mesmo no ar fresco da Nouvelle Vague. Jean-Pierre Melville, chamado pelo produtor, aconselhou cortes. Carlo Ponti iria terminá-lo. Mas seria Godard quem comprou o negativo e o defendeu.

“Aquilo que me impressionava”, escreve Rozier, “era a linha de demarcação que separava, em França, as pessoas que tinham vinte anos, envolvidas na Guerra da Argélia, e o resto da população que parecia nem reparar no que se passava. E, além disso, em 1958, surgiam os primeiros sintomas da sociedade de consumo. Queria fazer a história de um rapaz chamado para a guerra, mas sabia muito pouco sobre o que era um quartel. E percebi que não teria qualquer hipótese de filmar num. Por isso apresentei a Beauregard o projecto de uma comédia ligeira, qualquer coisa que se chamasse *Beijemo-nos esta noite*, uma história de um rapaz com duas raparigas, namora uma, namora a outra, no fim ficam sozinhas as duas. Mas para onde podia ter que partir o rapaz, pensava eu. Até que percebi que ele podia partir para a tropa. E assim consegui misturar as duas ideias, o filme ligeiro e o argumento mais sério.”

Não era fácil ter 20 anos em 1960, diz-se. Era, mesmo, perigoso. Mas era tão divertido, diria Rozier. E é nesta subtil oscilação entre a gravidade e a leveza, a despreocupação e o medo, a ironia e a ternura, a angústia e o riso que ele vai assentar o seu diapasão, e captar o único som desse tempo, a cristalização perfeita entre o destino individual e o momento histórico, desiderato de Tolstoi.

Filme imenso, enorme, descomunal, feito à mão, descosido, inacabado, improvisado, filme por polir, ele é, volto a dizer, o filme que todos os rapazes (talvez não das raparigas, talvez não) queriam fazer, assim como quem compra uma nova camisa para ir visitar a eventual namorada.

Em 62, os *Cahiers* publicam um “Especial Nova Vaga” e a capa é uma fotografia de *Adieu Philippine*. E justificavam: “Este filme é o expoente máximo da Nouvelle vague, aquele em que as virtudes do novo cinema brilham com o seu mais puro brilho, em que o bem fundado dos seus métodos recebe a prova mais clara e convincente, quer no que respeita à filmagem às escondidas, escolha de novos rostos, empréstimos ao “estilo televisão”. (...) Depois deste

filme, todos os demais parecem falsos. E não conseguimos ver com facilidade como é que a busca do natural pode ir mais além."

O filme teve uma vida difícil, estreou tarde, ninguém o quis ver, foi um fracasso. Em Portugal, é claro que não estreou, Guerra da Argélia e juventude eram coisas esquisitas para os censores. Quando o consegui finalmente ver, e foi só no final dos anos 80, chorei. E tinha 40 anos. Ai, a noite na Córsega antes da partida.

Mas ri, ri: ai, o extraordinário Vittorio Caprioli, o produtor fala-barato (eis um pleonasma), as suas fúrias e as facturas, como é extraordinário este retrato tão perto.

E talvez seja por este colocar-se rente às personagens, tão perto, tão perto da gente, tão perto das pessoas, das coisas, por se colocar ao rés da história que conta, improvisando cenas e diálogos, à caça da emoção, desprevenido, que este é o filme que todos queríamos fazer, todos quererão fazer. Mas ficou assim, filme singular de cineasta maior, filme marcado por um tempo e eterno, filme de adeus e dor, riso e lágrimas, filmado com alegria dos pássaros.

Tão raro, feito à mão em sebenta de faculdade.

Este filme, que esteve para se chamar *O Sexto Ano* – e era o ano da guerra, o sexto – é o filme de todos os amigos e amigas. Mas visto por baixo, pelos que não têm um tusto, à deriva pela vida, quem sabe se às portas de uma morte.

E ainda hoje que, para escrever esta nota, precisava de o rever, a maldição (sim, este é um filme maldito) quis que se avariassem as máquinas e mais uma vez este filme me fosse impossível.

Porque é isso mesmo, um filme sublime, maravilhosamente impossível, tão triste e tão intenso como um Watteau.

Mas para aqueles que, de olhos limpos o vêem – e então os que o vêem pela primeira vez - será difícil depois suportar os artifícios do cinema bem feito, como também os dogmas da improvisação que depois dele vieram e andam por aí, poluentes: é que *Adieu Philippine* é um filme de coração nas mãos, tão lindo.

distribuído como "folha da Cinemateca" em Abril de 2007 /
"Carta Branca a Jorge Silva Melo: O Século Passado"